

| Estante



FILHO, Hildeberto. **O escritor e seus intervalos**.
João Pessoa: Ideia, 2008.

HILDEBERTO BARBOSA FILHO É CONSIDERADO o mais importante crítico e historiador literário paraibano da atualidade. Sua obra é demarcada por uma impressionante captação cartográfica e estilística da produção literária local, empreendendo ainda um expressivo itinerário poético, que o coloca no lugar dos mais destacados homens de letras da história do estado, ao lado, por exemplo, dos medalhões nacionalmente conhecidos como José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Augusto dos Anjos, bem como de personalidades infelizmente não muito reconhecidos em todo o Brasil, como Sergio de Castro Pinto, José Vieira e Virgínius de Gama e Melo. Entretanto, mais do que uma militância estética e jornalística, suas atividades literárias tentam valorizar uma escrita “comportada”, demarcada por um ensaísmo sofisticado, e uma poética sensível e humana. Recentemente, o escritor empreendeu um novo gênero a sua larga bibliografia, o chamado jornal literário, narrativa em forma de notas, na qual o autor relata suas experiências literárias, seja no âmbito da leitura ou das sociabilidades intelectuais. O gênero se diferencia da autobiografia e da memória e se aproxima dos chamados diários íntimos e dos ensaios de Montaigne. Em 2006, publicou “Às Horas Mortas” e em 2008, lançou “O Escritor e seus Intervalos”. Este

último livro possui a qualidade inegável de nos colocar próximo ao seu instigante e angustiante mundo literário, formado por livros, personagens, boemia e reflexões sobre o cotidiano. A sua hermenêutica viabiliza confirmar sua evidente vocação como grande crítico literário, aguçado observador da vida e da arte através da literatura.

BRUNO RAFAEL DE ALBUQUERQUE GAUDÊNCIO (Paraíba) – Escritor e Historiador. Mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Autor do livro: *O Ofício de Engordar as Sombras* (Poesia, 2009).



SANTOS, Luiz Carlos dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses (org.).
Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos. São Paulo: Moderna, 2005.

O PAPEL DOS NEGROS NA LITERATURA e, mais especificamente, na poesia brasileira foi durante muito tempo minimizado e/ou eclipsado. No entanto, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI este quadro começou a mudar, através sobretudo de ações dos militantes do *Movimento Negro* e iniciativas como a criação dos *Cadernos Negros* e de grupos como o *Quilombhoje Literatura*.

Lançada em 2005, a *Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos* traz para o público leitor a possibilidade de conhecer um pouco mais das vozes negras que ajudaram a construir a produção poética no Brasil. Nas palavras de Maria Galas, uma das organizadoras, esse “é um livro que nos convida a descobrir o manto de invisibilidade que foi jogado sobre o negro e sua importante contribuição para a cultura brasileira. Este livro fala de poesia e de nós brasileiros”.

A valorização da África e dos seus conhecimentos ancestrais, o resgate do papel dos escravos na construção da sociedade nacional, a exposição da difícil situação dos negros no período pós-abolição, a denúncia ao racismo e as diversas formas de pré-conceito, a valorização das tradições negras, a beleza dos traços físicos e espirituais de negros e negras,

a exposição dos dramas e caracteres subjetivos de sujeitos marginalizados na sociedade e nos círculos literários... São incontáveis as temáticas presentes na antologia, que permitem a consolidação de um novo olhar poético sobre a situação dos afro-descendentes no Brasil.

A antologia também impressiona pela diversidade dos seus colaboradores. Foram selecionados poemas de autores clássicos como Cruz e Souza e Solano Trindade e de figuras lendárias como os repentistas paraibanos Inácio da Catingueira e Xica Barrosa. Até mesmo a participação poética dos afro-brasileiros na MPB não deixou de ser registrada, através da publicação de letras – ricas em expressividade lírica e significação social – escritas por compositores como Pixinguinha, Chico César, Martinho da Vila, Paulinho da Viola e Gilberto Gil. Também não foram deixados de fora autores marginais como Arnaldo Xavier e poetas militantes como Cuti e Oswaldo de Camargo, iniciadores do já referido grupo literário *Quilombhoje*.

Reproduzo abaixo um dos poemas do livro, de autoria de Salgado Maranhão, poeta vencedor do *Jabuti* em 1999, que considero como uma boa introdução à coletânea e a melhor finalização para esta dica de leitura:

“HISTORINHAS DO BRASIL PARA PRINCIPIANTES

chegaram de canhões e caravelas chamando tupis de índios.
no primeiro dia brindaram ao redor da cruz, não
conheciam
a terra, mas já eram donos. Mais tarde voltaram
procurando
pedras, abrindo ruas, rezando missas, matando índios
e escravizando negros: fundando as capitâneas das sífilis
hereditárias.”